



DASartes.

ARTES VISUAIS EM REVISTA

GILBERT & GEORGE

REGINA SILVEIRA

DEANA LAWSON

JOHN GRAZ

HELOISA HARIADNE

M

QUE TAL EXPLORAR ALGO NOVO HOJE?



NESTE REGISTRO
INÉDITO, A ESCRITORA
CURITIBANA **ALICE RUIZ**
LÊ E COMENTA
TRECHOS SELECIONADOS
DE SUA AUTORIA.

NA FERRAMENTA DE
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA,
É SÓ COMEÇAR A ASSISTIR
ÀS AULAS PARA APRENDER
NOVAS HABILIDADES,
NO SEU TEMPO E
DE FORMA GRATUITA.





Em tempos de distanciamento social devido à pandemia causada pelo novo coronavírus, o Sesc São Paulo lança o **Sesc Digital**, plataforma online que funciona como um espaço de descobertas. No endereço sescsp.org.br/sescdigital você encontra áudios, vídeos, imagens e publicações de parte do acervo formado pela instituição ao longo de seus mais de 70 anos. São registros de diferentes expressões artísticas ou físico-esportivas, como também dos programas socioeducativos mantidos pelo Sesc São Paulo. O endereço reúne ainda seleções inéditas de conteúdos, como por exemplo a **EAD Sesc Digital**, uma ferramenta de educação a distância dedicada à oferta de cursos livres e gratuitos.

DASartes.

DIRETORA
Liege Gonzalez Jung

CONSELHO
EDITORIAL
Agnaldo Farias
Artur Lescher
Guilherme Bueno
Marcelo Campos
Vanda Klabin

EDIÇÃO . NEGÓCIOS
André Fabro
andre@dasartes.com

MÍDIAS SOCIAIS . IMPRENSA
Leandro Fazolla
dasartes@dasartes.com

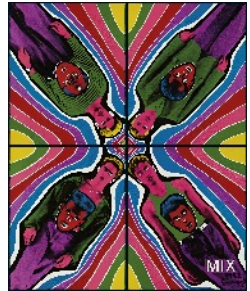
DESIGNER
Moiré Art
moire@moire.com.br

REVISÃO
Angela Moraes

PUBLICIDADE
publicidade@dasartes.com

SUGESTÕES E CONTATO
info@dasartes.com

Doe ou patrocine
pelas leis de incentivo
Rouanet, ISS ou CMS/RJ



Capas: **Gilbert & George**,

1: Mix, 1992.

2: City Fairies, 1991.

© Courtesy Gilbert & George.

THREE

DEANA LAWSON 10



HELOISA HARIADNE 26



6 De Arte a Z

8 Agenda

92 Livros

93 Coluna do meio

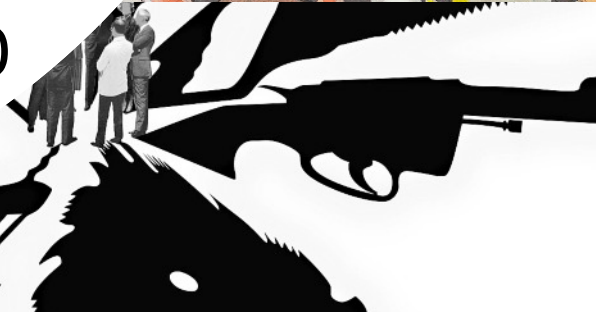
GILBERT & GEORGE 40



JOHN GRAZ 58



REGINA SILVEIRA 80





PELO MUNDO • O Pérez Art Museum Miami adquiriu 13 novas obras, 11 delas de artistas mulheres e várias de artistas de origem cubana e brasileira, refletindo o compromisso do museu com artistas pouco representados. Entre os destaques está *Penetrável Macaléia (Malaceia Penetrable)*, uma instalação *walk-in* do artista brasileiro Hélio Oiticica inspirada nas favelas do Rio de Janeiro.

CURIOSIDADES • Cientistas realizaram testes que revelam que Stonehenge é feito de um material antigo quase indestrutível. A análise de uma amostra coletada de uma das enormes lajes do local sugere que a composição geoquímica da pedra pode tê-la tornado excepcionalmente poderosa para resistir ao teste do tempo.

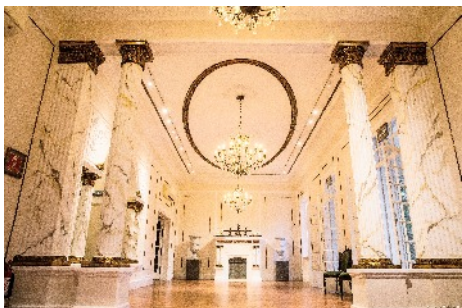
Feitas com cristais de quartzo de 99,7%, as pedras são praticamente indestrutíveis, de acordo com um novo estudo publicado na revista *Plos One*.



CURIOSIDADES II • Tiros foram disparados no Museu Zaans, na Holanda, enquanto ladrões tentavam fugir com uma pintura de Monet. Na manhã do dia 15 de agosto, um ladrão fugiu do museu com a pintura *De Voorzaan en de Westerhem* de Monet (1871) debaixo do braço. Ele tentou fugir em uma motocicleta com um cúmplice quando um transeunte tentou parar a dupla. Na briga, o ladrão deixou cair a pintura antes de partir. Um dos dois suspeitos disparou tiros, mas ninguém ficou ferido.



GIRO NA CENA • Com curadoria de Paulo Miyada e Priscyla Gomes, a exposição *Luiz Braga: Máscara, espelho e escudo*, no Instituto Tomie Ohtake, reúne pela primeira vez um conjunto de retratos em cores feitos por Luiz Braga nas últimas quatro décadas. As incursões do artista vão da cercania de seus trajetos cotidianos, adentrando casarios ribeirinhos pouco visitados pela classe média paraense, até a ilha de Marajó, que fica a 90 km da capital. Até 12/12/2021.



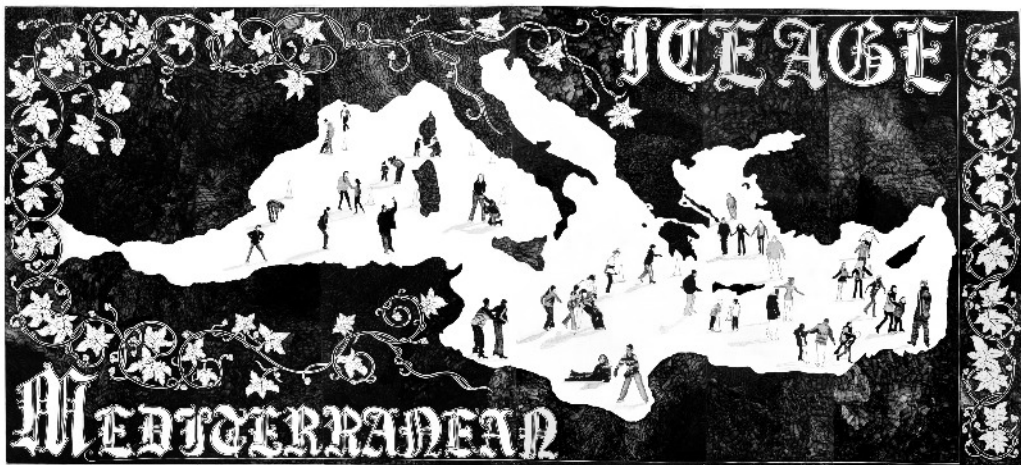
NOVO ESPAÇO • O Instituto Artium, entidade cultural sem fins lucrativos, abre as portas para o público em agosto de 2021 com exposição coletiva intitulada *Semana de 27*. Localizado no bairro Higienópolis, a propriedade de 1700 m² e arquitetura eclética, foi construída no estilo Luis 16 e passou por um minucioso trabalho de restauro visando a manutenção e recuperação do patrimônio histórico. A estrutura foi construída em 1920 e 1921.
Rua Piauí, 874, São Paulo.

“

Se isso não te toca, eu falhei”

**• DISSE A ARTISTA
LOUISE BOURGEOIS.**

Mostra no Museu Judaico de Nova York toma a análise de Bourgeois como ponto de partida para a exposição *Louise Bourgeois: Filha de Freud*, que apresenta muitas obras ao lado de escritos pessoais da artista refletindo sobre sua abordagem.



Aleksandra Mir, *Mediterranean Iceage*, 2007.

Difundir e estimular a produção de arte contemporânea e trazer ao público obras de artistas seminais do circuito nacional e internacional. Esse é o cerne do Comissionamentos Inhotim, programa do Instituto Inhotim que convida artistas para desenvolver obras inéditas a partir de suas experiências com a instituição e seu entorno. A instituição inaugura criações inéditas de dois artistas brasileiros, Lucia Koch e Rommulo Vieira Conceição, expoentes da cena contemporânea, que foram convidados a desenvolver os projetos desta edição.

O Inhotim também apresenta a exposição *Entre Terras*, individual da artista Aleksandra Mir que ocupa a

Galeria Praça com desenhos em grande escala da série *Mediterranean* (2007), trabalho em que ela questiona as forças sociopolíticas que moldam as identidades nacionais.

As ações foram pensadas a partir do programa Território Específico, eixo de pesquisa que norteia a programação do Inhotim no biênio 2021 e 2022.

**NOVAS OBRAS DE LUCIA KOCH
E ROMMULO VIEIRA CONCEIÇÃO •
ALEKSANDRA MIR: ENTRE TERRAS •
INHOTIM • BRUMADINHO •
A PARTIR DE 28/8/2021**

GALERIA CAFÉ SÃO PAULO apresenta



EXPOSIÇÃO

A PAISAGEM DE HOJE

ARTISTAS

JULIO VIEIRA
VERIDIANA LEITE

Funcionamento: de segunda a sexta, das 11 às 20h
Praça Benedito Calixto, 103 - Pinheiros - São Paulo

Realização



**GALERIA
CAFÉ**

DASartes.

1983 - SÃO PAULO - SP

ALTO relevo

DEANA lawson.





Oath, 2013. Foto: © Deanna Lawson

A ARTISTA DEANA LAWSON FOTOGRAFA SEUS MODELOS COMO FIGURAS CLÁSSICAS DA HISTÓRIA DA ARTE. SUA FORÇA ESTÁ NAS RUPTURAS DA ENCENAÇÃO. ELA EXTRAÍ IMAGENS PODEROSAS DAS REALIDADES DA VIDA NA DIÁSPORA AFRICANA

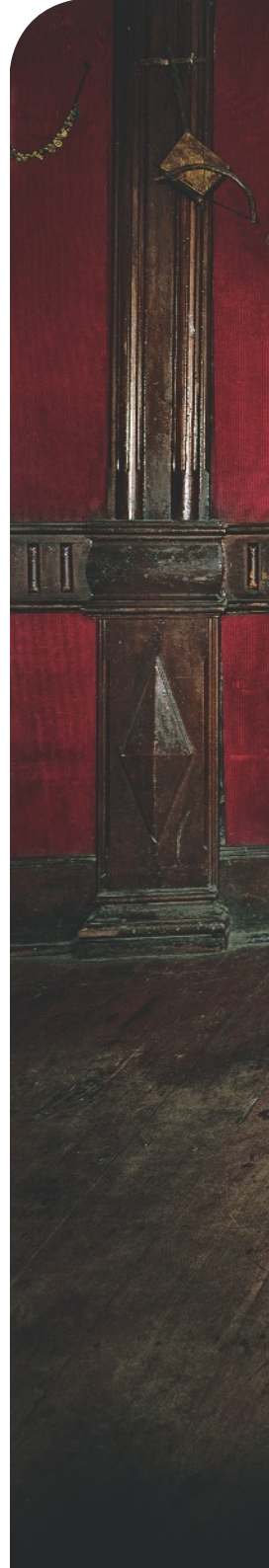
POR REDAÇÃO

“A fotografia tem o poder de fazer a história e o momento presente falarem um com o outro”.

Deana Lawson

Exposição de novas e recentes obras da artista americana Deana Lawson, vencedora do Prêmio Hugo Boss 2020, estarão em exposição no Museu Solomon R. Guggenheim, em Nova York. A mostra incluirá fotografias em grande escala e hologramas. Seleccionada por um júri de críticos e curadores internacionais, Deana é a 13ª artista a receber o prêmio bienal, criado em 1996 para reconhecer realizações significativas na arte contemporânea. As obras da fotógrafa também farão parte da 34ª edição da Bienal de São Paulo, de setembro a dezembro deste ano.

As imagens de Deana estão enraizadas em um momento do mundo tangível, mas, em última análise, existem no tremeluzir espaço intermediário de sonhos, memórias e comunhão espiritual, onde o cotidiano é transfigurado no estranho e no magnífico.





Kingdom Come, 2015.
Foto: © Deana Lawson



Nation, 2017. Foto: © Deana Lawson

Suas fotografias e filmes geralmente resultam de colaborações com estranhos que a artista encontra por acaso ou procura deliberadamente. Esses indivíduos são frequentemente retratados em ambientes domésticos ricamente texturizados em que os detalhes de decoração, iluminação e pose são precisamente coreografados. Dessa forma, Deana se baseia nos legados do retrato histórico, fotografia documental e álbum de família, mas transcende essas tradições, construindo cenas que fundem experiência vivida com narrativas imaginadas.

A estética e a conectividade intergeracional da diáspora negra guiam a escolha do tema. As forças regenerativas da natureza e o ciclo da vida humana, desde o nascimento até a morte, são temas permanentes, com cada uma de suas obras tomando seu lugar em um projeto abrangente que se alinha com o que ela denomina "uma família extensa mitológica em constante expansão". Um exame atento de suas composições revela a presença de portais, adornos e objetos devocionais que evocam a proximidade de um reino invisível. Essa sensação do celestial é intensificada por imagens de fenômenos naturais sublimes, como galáxias e cachoeiras, e nos casos em que o brilho de um indivíduo parece queimar a



Sons of Cush, 2016. Foto: © Deana Lawson

superfície da própria obra. Os trabalhos de Deana também demonstram uma atenção especial ao elemento luz, como fundamental para o processo pelo qual as fotografias são produzidas, e uma manifestação da divindade que permeia seus modelos. Recentemente, Lawson começou a produzir seus trabalhos em molduras espelhadas, que refletem a luz exterior e materializa uma troca entre seus sujeitos e o espectador; em suas palavras, eles funcionam como “um forro reflexivo entre os mundos, o que é ‘visto’ na fotografia e o que ‘vê’.”

Nesta exposição, fotografias em grande escala, algumas das quais embutidas com hologramas, estão dispostas em uma densa constelação que envolve uma representação espectral de um toro – uma forma tridimensional formada por um círculo girado em torno de um eixo central. Como tal, a instalação se baseia no conceito termodinâmico de centropia, um termo que descreve como a eletrificação da matéria leva à regeneração e à ordem harmoniosa. O mesmo impulso de renovação por meio da energia criativa é central para a visão de Deana, na qual seus temas são considerados inefavelmente esplêndidos, ocupando um mundo que eles comandam de forma absoluta.



Chief, 2019.

Foto: © Deana Lawson

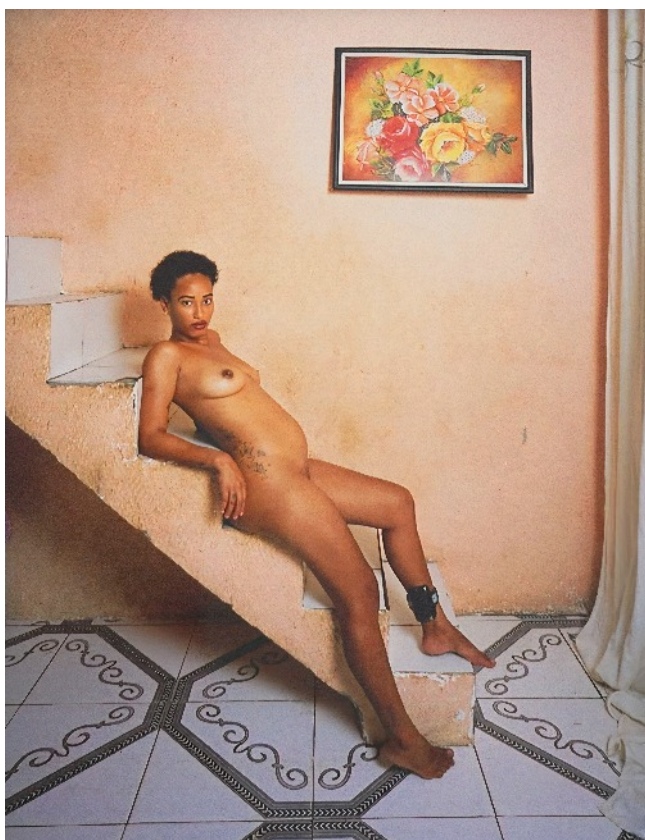


NOVAS RAINHAS E REIS

Ele se autodenomina "Chefe" e usa joias de ouro grossas. Mas o trono deste rei é um sofá volumoso. Uma velha cortina entra no quadro, um Jesus pálido está pendurado nas paredes sujas. O "chefe" é negro.

As fotos de Deana inegavelmente poderiam ser mais atuais. *Black Life Matters* é a frase usada para lutar contra o racismo em todo o mundo.

Deana é afro-americana e nasceu em 1979, em Rochester, Nova York. Ela chama as pessoas de suas fotos de "reis e rainhas deslocados da diáspora". Ela visitou comunidades africanas no Brasil, Etiópia, Jamaica e EUA, falou com pessoas na rua, fotografou-as em seus apartamentos, muitas vezes nuas. Por exemplo, Daenare. A mulher grávida está deitada em uma escada de pedra sem corrimão. Seu olhar é direcionado diretamente para a câmera, o padrão floral do piso continua em sua tatuagem. Deana encena sua protagonista em formato de pintura como um dos nus clássicos da história da arte. Mas um detalhe não pode ser esquecido: o tornozelo. Que foto tremenda!





Roxie and Raquel, 2010.

À esquerda: Daenare, 2019. Fotos: © Deana Lawson

“Quero que as fotos fiquem bem juntas para que os retratados possam se proteger”, disse Deana pouco antes da abertura da exposição *Centropy* no Kunsthalle Basel, em junho de 2020. Dois dias depois, um policial branco segurou o joelho dele no pescoço de George Floyd por sete minutos e 46 segundos. O interesse do público nesta exposição era enorme. Porque nessas fotos fica claro mais uma vez: a violência policial, a injustiça, e a pobreza.

AS FOTOS RESISTEM À ACUSAÇÃO DE CLICHÊ

Há tanto que se poderia falar nas fotografias de Deana: sobre as referências à pintura clássica, sobre o ponto cego na história da arte no trato com a cultura negra, sobre a visão do corpo feminino. Ou sobre a função das cortinas em suas fotos. Mas o que torna essas imagens tão extraordinárias é a arte de Deana de usar a encenação para mostrar a realidade ou, melhor dizendo, para torná-la tangível. Uma mulher nua na cama de seu falecido marido. Uma avó com seus três netos no colo. Por que ela parece tão jovem? Onde está a mãe? E por que as paredes são pintadas de vermelho-sangue?



Barrington and Father, 2021.
© Deana Lawson



“ *Tudo o que Deana sempre captura é o orgulho das pessoas*”

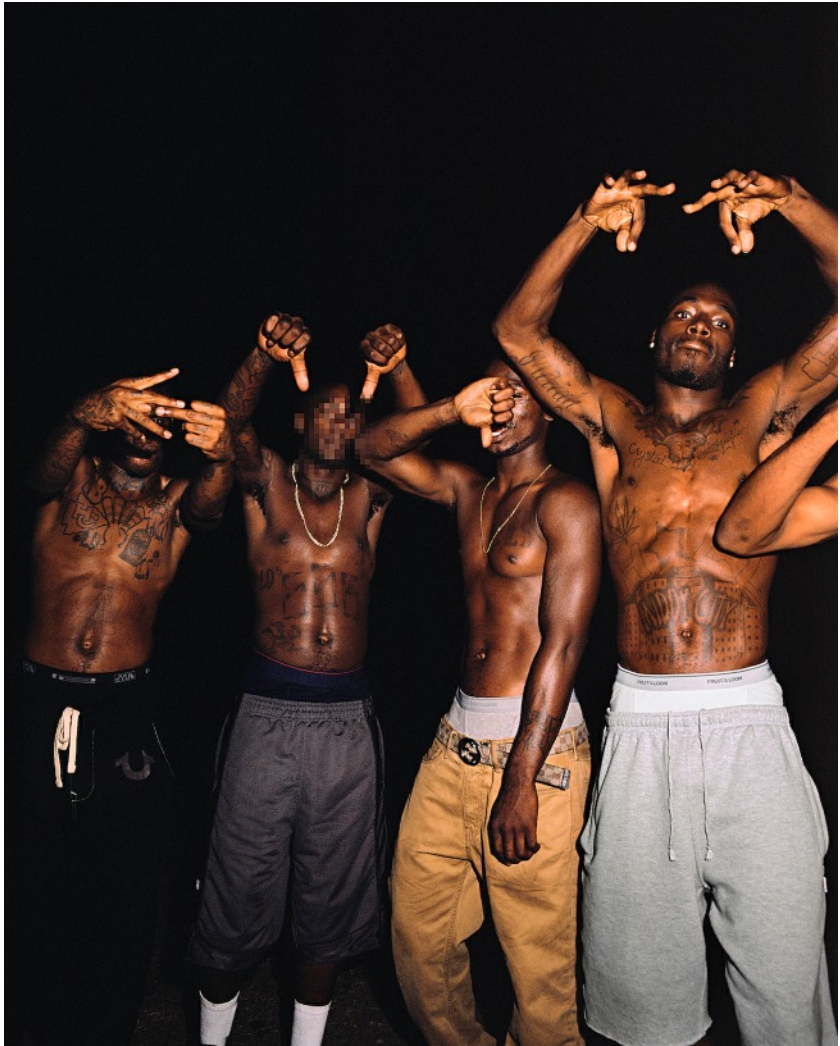
As fotografias de Deana também são um jogo de estereótipos, e isso não é totalmente isento de problemas. Com suas exposições no passado, ela gerou debates repetidos sobre se os clichês não estavam sendo reproduzidos aqui. Mas as fotos se opõem a isso: por mais que os interiores sejam desleixados às vezes, os personagens neles são clichês: tudo o que Deana sempre captura é o orgulho das pessoas. As mulheres de Deana nunca parecem realmente nuas, mesmo que estejam. Ou, como diz a curadora Elena Filipovic: “Lawson devolve à vida negra a inteligência, a beleza e o brilho que ela merece”.

A artista, que mora em Nova York, não para apenas no meio da fotografia. Ela enriquece sua produção com trabalho em vídeo em que se misturam música tribal, cultura *hip-hop* e gravações de manifestações. E a escolha das molduras, como dito antes, também é especial: o apreciador se reflete nelas.



Mama Goma, Gemena, Dr. Congo, 2014.
© Deana Lawson





Deana possui um corpo de trabalho que, devido à sua estrutura conceitual rigorosa, tem sido difícil de definir. Mas, em sua reformulação dos tropos da história da arte e sua ênfase na ternura e intimidade, a estética de sua fotografia provou ser influente. A premiada escritora Zadie Smith escreveu certa vez sobre a fotografia de Lawson: "Os negros não são concebidos como vítimas, problemas sociais ou exóticos, mas, sim, como o que Deana chama de 'seres criativos e divinos' que não 'sabem o quão milagrosos são'".



Acima: Young Grandmother, 2019.
À esquerda: Signs, 2016.
Fotos: © Deana Lawson

DEANA LAWSON: HUGO BOSS PRIZE 2020 • GUGGENHEIM •
NOVA YORK • 7/5 A 11/12/21

34º BIENAL DE SÃO PAULO • 4/9 A 5/12/2021

GARIMPO



HELLO

hari

DISA

adne.



AS VIBRANTES E PROFUSAS OBRAS DA JOVEM PINTORA HELOISA HARIADNE PARTEM DE UMA INVESTIGAÇÃO PELAS MEMÓRIAS QUE O CORPO DA PRÓPRIA ARTISTA CARREGA

POR IASMINE SOUZA

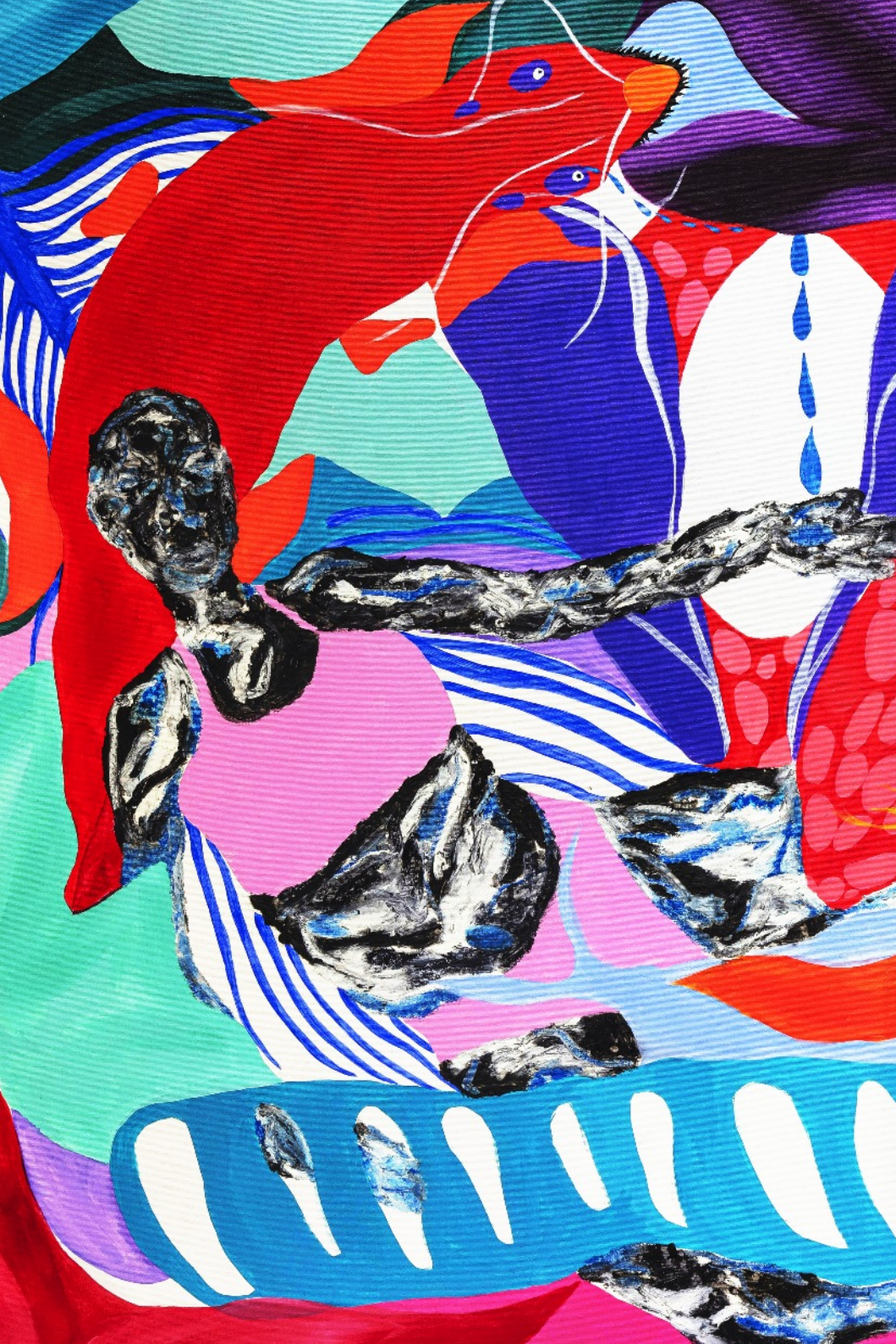
Trabalhando em um ateliê no centro de São Paulo, a jovem artista paulistana Heloisa Hariadne, de 23 anos, formada em Artes Visuais na faculdade Belas Artes, constrói uma visão contundente sobre si mesma. Nas paredes do espaço inundado por luz natural, imagens que sugerem os enigmas de seu contato com o mundo. Um mundo colorido para o qual dificilmente o visitante não despertaria. Em cada centímetro de tela, há Heloisa. As pinturas são como um simulacro de memórias subjetivas que resgatam questões sobre corpo, alimento e ancestralidade, situadas em algum lugar entre o plano físico e a imensidão do desconhecido interior.

As primeiras lições elementares de desenho, quando ainda criança, ela deve a uma amiga de sua avó. Hoje, tem a autorreflexão como impulso criador, entregue a um processo consciente cujas referências não se esgotam nos livros e não vestem o pesado manto de tradições da história da arte ocidental. Aliás, é

Derretendo as muralhas de gelo para seguir as navegações, Foto: Filipe Berndt.









extremamente sensível aos estímulos do cotidiano e a forma como nela ressoam significados e emoções: desde as músicas que escuta, o contato com a natureza, até a preparação diária e ritual de frutas e vegetais – Heloisa é vegana –, que entrega um exótico leque de cores e formatos, organicidade muito clara em suas produções.

Para ela, uma artista multidisciplinar, corpo é também veículo de expressão, e é nele que reside um dos suportes centrais de sua linguagem estética envolvente. Seja dançando na privacidade do estúdio, ou deixando ressoar as experiências com performance na pintura, ela parece coreografar o combate ao controle exercido sobre um corpo historicamente adequado em nome da civilização. Nas telas, figuras negras encenam posturas com notável leveza e segurança, cientes de suas estruturas corpóreas complexas, mas intensas, vivas, e por vezes incorporadas à lírica explosão de cor em uma relação quase simbiótica. Está aí a riqueza expressiva das composições, que impressionam não apenas pelo tamanho, textura ou intensidade da paleta, mas pela fluidez.

À direita: Vivendo o necessário para entender o que sou junto com o que se forma com o natural das formas, 2021.

Págs anteriores: Com uma gota já se faz oceano pra sede se matar em mergulho, 2021.

Fotos: Filipe Berndt.







Abaixo: A magia acontecendo enquanto não foi colocada uma forma de como vão entender o que você sente, 2021.

Págs anteriores: A vontade de se jogar dentro da bola do sol e esperar ela contar sua história, 2021.

O alto ancorado no baixo, o físico envolvendo o espiritual, o humano no inumano, 2021.

Fotos: Filipe Berndt.



“Tudo é denso, vibrante, e em constante movimento.”



Tudo é denso, vibrante, e em constante movimento.

No dia 7 de agosto, Heloisa inaugurou a sua primeira individual na Galeria Leme, *Ouvindo o que se é para ser e estar presente nas cores da vida*, com curadoria de Carolina Lauriano, e é também um dos nomes da marcante exposição *Enciclopédia Negra*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, que reúne mais de cem obras inéditas realizadas para o livro homônimo de autoria de Flávio Gomes, Jaime Lauriano e Lília Moritz Schwarcz. A publicação questiona o domínio das representações por um pequeno grupo intelectual branco e celebra a existência daqueles que, não abraçados pela tradição, marcaram a história do Brasil.

Agostinho Pereira, 2021.
© Heloisa Hariadne.

Personagens que têm muito a dizer e já não podem mais esperar. Por meio de um belíssimo trabalho, Heloisa Hariadne deu vida a Agostinho Pereira, o Divino Mestre, conhecido nas fontes policiais por suas pregações e críticas à Igreja. Na imagem, o corpo do negro transcende a superfície da tela e contrasta com um vívido plano de cor amarelo. Está seguro em sua trajetória pela liberdade. A obra, assim como as demais da artista, é garantia de que a arte é capaz de nos fazer reencontrar o extraordinário.



Iasmine Souza Encarnação Novais é Procuradora do Município de São Paulo, entusiasta da história da arte, pós-graduanda em Crítica e Curadoria de Arte na PUC-SP e autora do perfil @minutodearte.

**HELOISA HARIADNE: OUVINDO O
QUE SE É PARA SER E ESTAR
PRESENTE... • GALERIA LEME •
SÃO PAULO • 7/8 A 4/9/2021**

**ENCICLOPÉDIA NEGRA •
PINACOTECA DE SÃO PAULO •
1/5 A 08/11/2021**

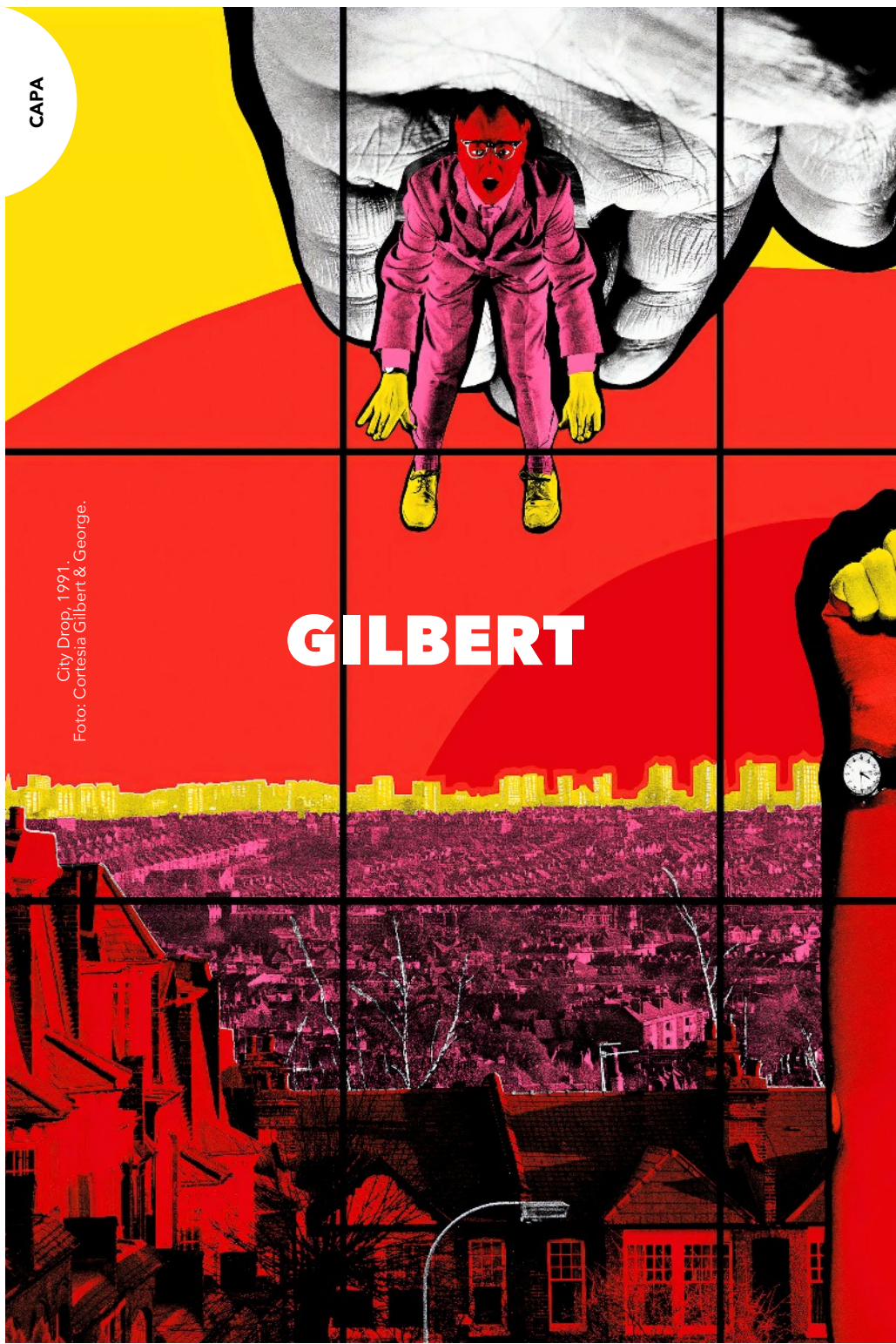




CAPA

City Drop, 1991.
Foto: Cortesia Gilbert & George.

GILBERT





& GEORGE.

GILBERT E GEORGE VÊM CRIANDO ARTE JUNTOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO. SEU NOTÁVEL TRABALHO AINDA É TÃO EXPLOSIVO QUANTO SIGNIFICATIVO. A MOSTRA EM FRANKFURT DEDICA UMA EXTENSA RETROSPECTIVA AO UNIVERSO VISUALMENTE PODEROSO DA EXCÊNTRICA DUPLA DE ARTISTAS LONDRINOS

POR HANS ULRICH OBRIST E DANIEL BIRNBAUM

" Quando um ser humano se levanta de manhã e decide o que fazer e para onde ir, está encontrando seu motivo ou desculpa para continuar vivendo. Nós, como artistas, temos apenas isso a fazer. Queremos aprender a respeitar e honrar 'o todo'. O conteúdo da humanidade é nosso assunto e nossa inspiração. Defendemos a cada dia boas tradições e mudanças necessárias. Queremos encontrar e aceitar tudo o que há de bom e de ruim em nós mesmos.

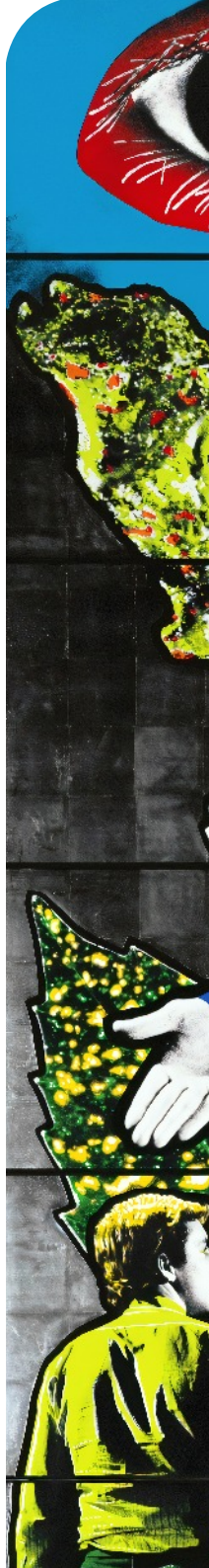
A civilização sempre dependeu, para seu avanço, da 'pessoa doadora'. Queremos derramar nosso sangue, cérebro e sementes em nossa busca de vida por novos significados e propósito para dar à vida."

(Gilbert & George 1986)

Por mais de 50 anos, Gilbert & George criaram arte se colocando como sujeito e objeto. Na mostra *A grande exposição*, os artistas selecionaram quadros que refletem sua arte, tão cativante quanto prolífica.

Desde que se conheceram na Escola de Arte de Saint Martin, Gilbert & George são inseparáveis, tanto profissionalmente quanto privadamente. Isso foi em 1967 e, enquanto Londres se agitava, Gilbert & George não se moviam pelas tendências atuais. Em vez disso, vestiram trajes imaculados – seus “ternos de responsabilidade” – e embarcaram em uma viagem para desafiar as convenções da arte e da sociedade com um desprezo flagrante por quaisquer noções de “bom gosto”. Sem medo e direto ao ponto, sua arte tem o poder de perturbar o espectador. *A grande exposição* reúne quadros do período de 1971 a 2019. A mostra está repleta

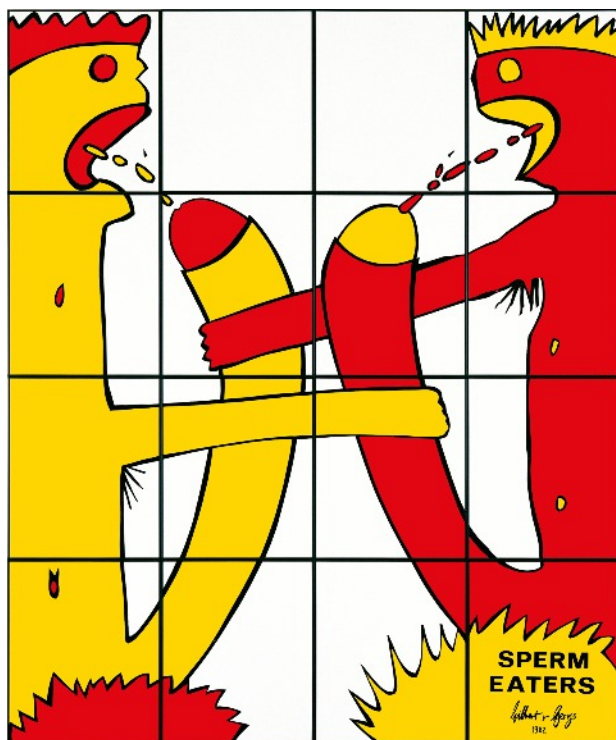
Life, 1984. Courtesy of Gilbert & George.



LIFE

Albert & George
1984





do chão ao teto com quadros grotescos e concisos, surrealistas e simbólicos, mas de forma consistente dentro da grade rígida, que é emblemática de sua arte. Sexo, dinheiro, raça e religião estão entre seus temas, que consegue combinar felicidade e tristeza, beleza e significado.

Gilbert, nascido em 1943 nas Dolomitas italianas, e George, nascido em 1942, em Plymouth, Reino Unido, têm um propósito expresso com sua arte provocativa: “revelar o preconceito interno no libertário e, inversamente, revelar o libertarismo interno no fanático”.

Gilbert & George viveram e trabalharam no mesmo bairro de Spitalfields, em Londres, por mais de cinco décadas, observando como tudo mudou com o tempo. Vestidos em ternos impecáveis quase iguais, os dois são em partes iguais sujeito e objeto – uma unidade indivisível, que dedica sua vida exclusivamente à arte. A vida cotidiana de Gilbert & George é tão criativa quanto rigorosamente organizada. Ao se comprometerem com este tipo de disciplina, mantendo a vida em casa e no estúdio com rotinas simples, sem aulas, eles abriram espaço para a loucura criativa total. *Punk rockers* e nacionalistas, danças folclóricas e bombas, folhas de outono e anúncios pessoais – com o olhar comum destemido e singular, a dupla mais icônica do mundo da arte investiga o mundo que nos cerca.



À esquerda: Sperm Eaters, 1982. Acima: The Singing Sculptures, 1969-1991.
Courtesy of Gilbert & George.

PRIMEIROS TRABALHOS

Desde o final dos anos 1960, Gilbert & George têm se visto como uma parte inseparável de sua arte. Como jovens escultores sem estúdio, dinheiro ou apoio do *establishment*, perceberam que eles próprios eram seu melhor meio e podiam comunicar sua visão artística como esculturas vivas.

Ficaram conhecidos por suas *The Singing Sculptures*: impecavelmente vestidos em ternos, com rostos multicoloridos, cantando *Underneath the arks*, uma canção de 1932 sobre os sem-teto durante a Depressão. Beber e ficar embriagado foi um tema central na arte inicial deles. Com música *vaudeville*, visões pastorais e imagens borradas de bebida, Gilbert & George estavam no caminho da "arte para todos", como é o lema deles. Por volta de 1974, Gilbert & George começaram a organizar suas fotos na grade que se tornou a assinatura deles e continuam usando até hoje. Desde então, quase toda a arte é serial, e eles aparecem pessoalmente em praticamente todas as suas imagens. As fotos do final dos anos 1970 retratam uma Londres arruinada em convulsão social. Gilbert & George encontraram no *grafitti* um imediatismo que faltava na arte contemporânea.

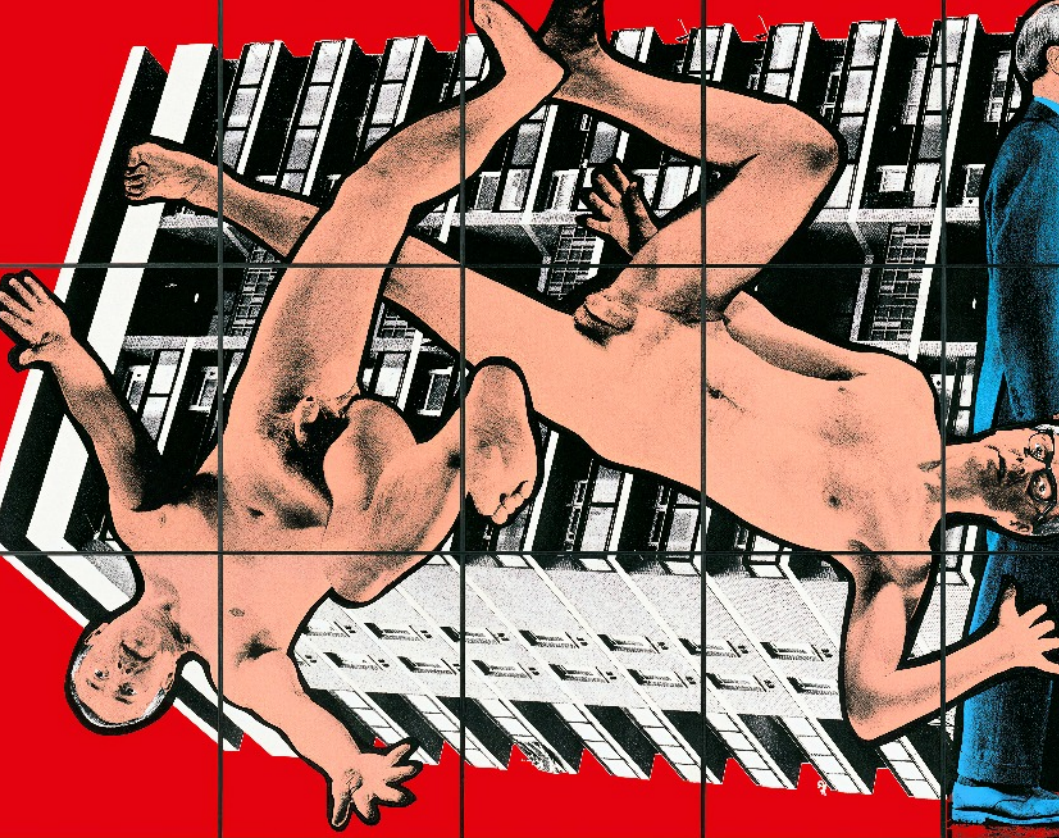




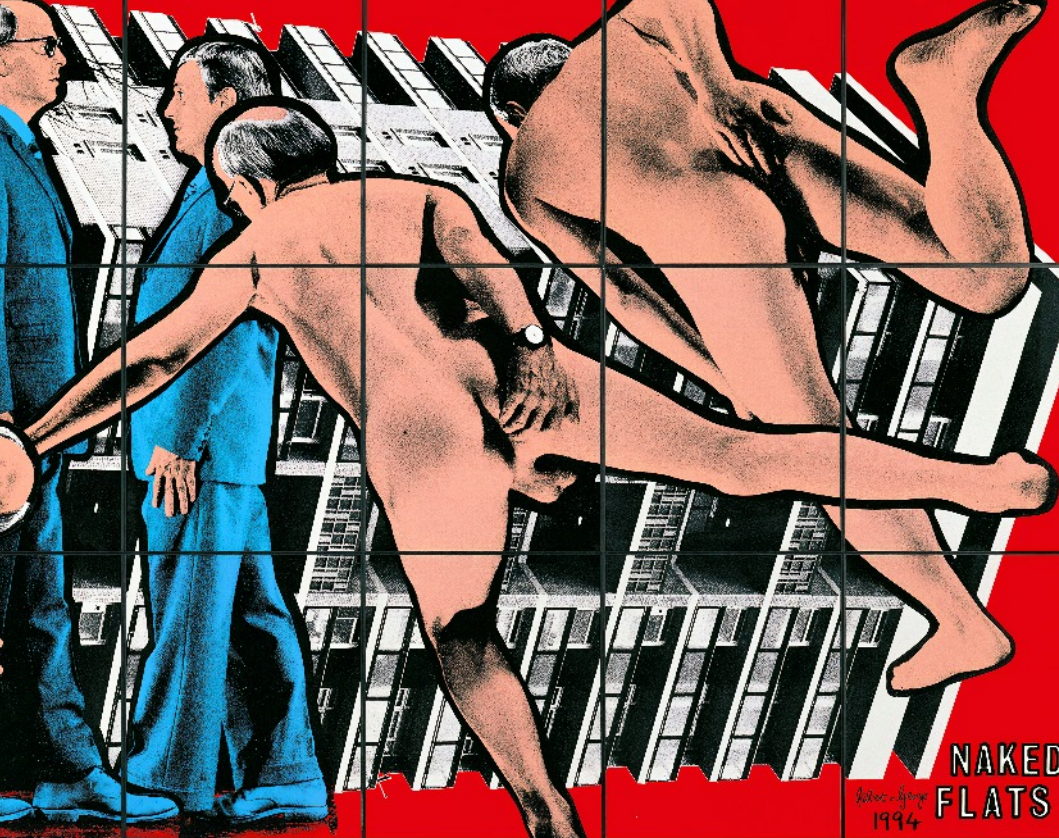
DÉCADA DE 1980

A casa e o estúdio na Fournier Street sempre estiveram no centro da arte de Gilbert & George desde que se mudaram para lá, em 1968. Eles originalmente alugaram o andar térreo, mas passaram a comprar o edifício inteiro em meados da década de 1970. Foi na Fournier Street que Gilbert & George desenvolveram uma técnica única que lhes permitiu fazer imagens grandes e complexas. Com base em esboços detalhados, os negativos foram organizados e expostos em todos os papéis fotográficos montados juntos. Estes, por sua vez, foram desenvolvidos e coloridos à mão um por um. Somente quando todos os papéis foram concluídos, emoldurados e remontados, a imagem resultante pôde ser vista. Esse sistema de painéis também tornou suas obras monumentais fáceis de transportar e expor, podendo atingir públicos maiores. Em 1990, por exemplo, eles levaram sua arte para a União Soviética, e para a China em 1993. Seus quadros ficaram ainda maiores e mais ousados. Motivos carregados de símbolos em cores fortes desafiavam as normas sobre sexo, religião e relacionamentos. A cor se tornou uma parte essencial da arte de Gilbert & George, usada tanto expressivamente, para definir o clima, quanto simbolicamente. Por mais bonitas que sejam suas fotos, elas não pretendiam ser estéticas, formalistas ou conceituais – o que importa é o conteúdo.

Leafage, 1988. Cortesia Gilbert & George.



À direita: Blood City, 1998.
Acima: Naked Flats, 194.
Fotos: Cortesy Gilbert & George.



“ A obra de arte só é concluída quando há um visualizador na frente dela.”



Christs, 1992.
Foto: Cortesy Gilbert & George.



VIDA E MORTE

Os temas centrais de suas fotos capturam uma ampla experiência humana, abrangendo uma gama de emoções e temas, de panoramas coloridos a exames brutos da humanidade; de propagandas de sexo ao fundamentalismo religioso.

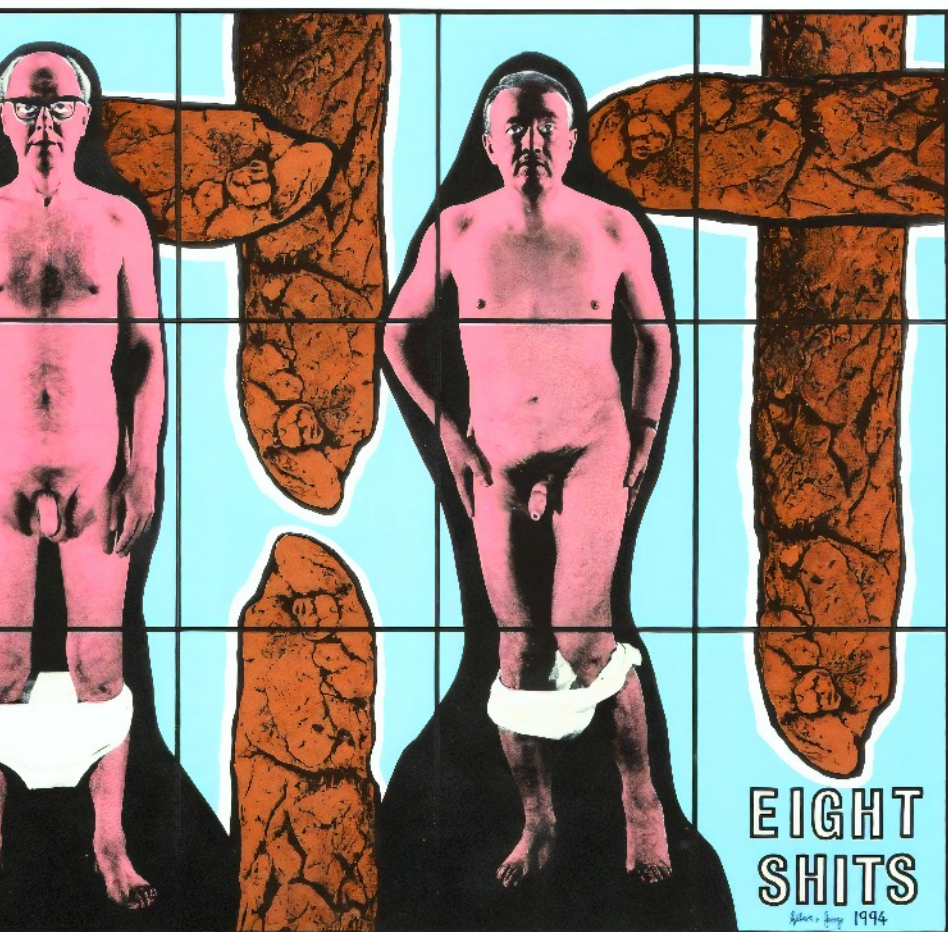
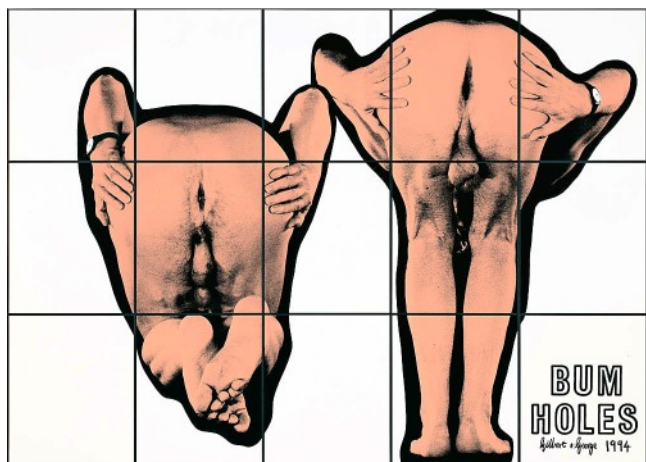
Gilbert & George frequentemente lidam com as grandes questões existenciais em sua arte, mas deixam para os espectadores buscar e desafiar suas próprias verdades e encontrar suas próprias respostas. Com o observador, eles exploram e testam seus sentimentos em sua arte. Eles usam suas cabeças, almas e sexo para fazer uma imagem, e cada espectador tem que usar sua cabeça, alma e sexo para visualizá-la. A obra de arte só é concluída quando há um observador na frente dela. Desde o início, Gilbert & George operaram para além das estruturas dadas da cena artística, por necessidade e preferência. Escolhiam fazer suas próprias regras em vez de seguir as dos outros. Sempre questionaram autoridades que afirmam ter a solução para as principais questões da vida. Rejeitam todas as religiões, mas estão interessados em como tais sistemas de crenças influenciam nossas vidas. Suas imagens intrusivas e monumentais oferecem uma alternativa contemporânea às imagens religiosas, como vitrais nas janelas das igrejas.

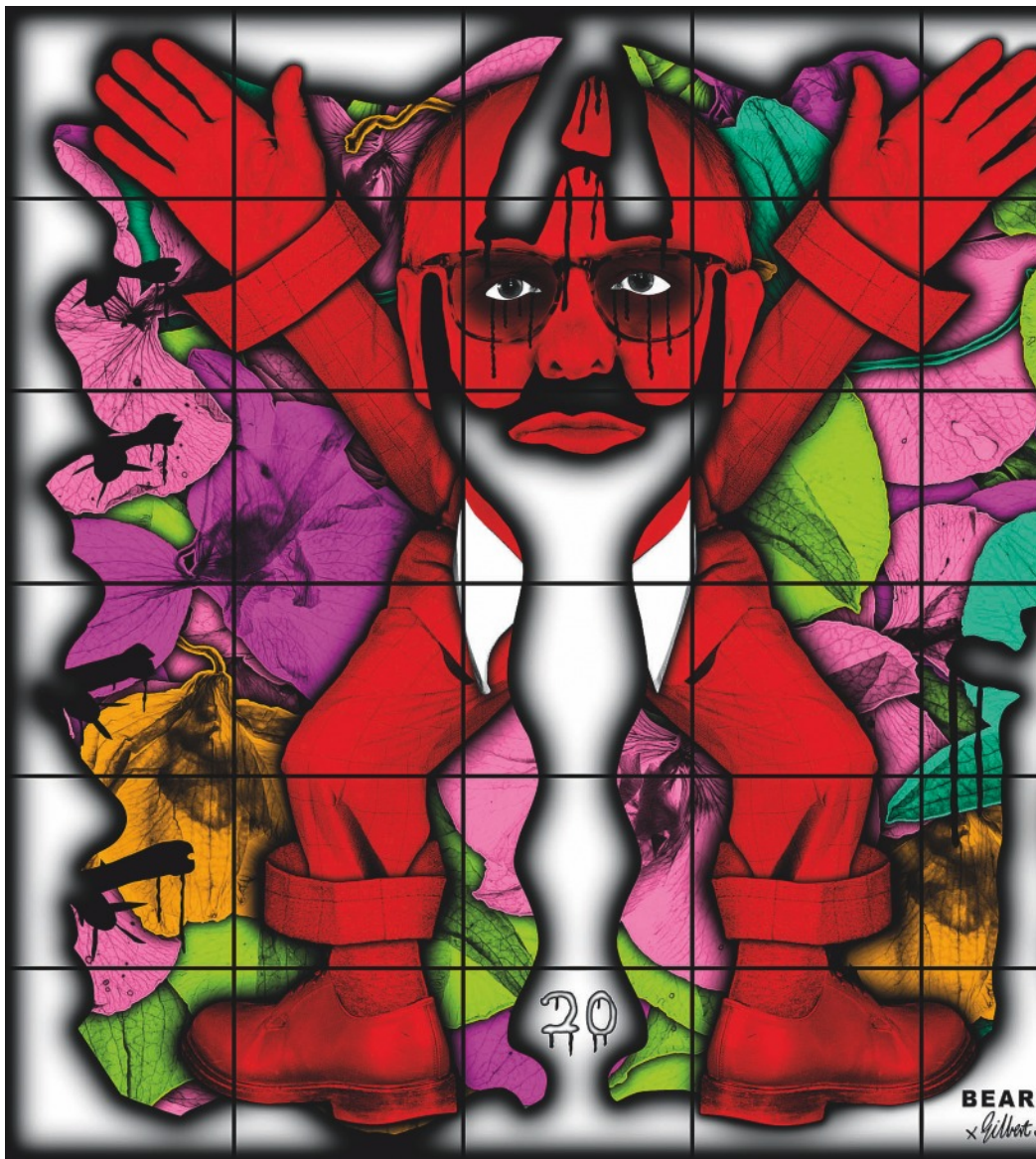
O CORPO

Em meados da década de 1990, o corpo nu e suas excreções se tornaram o foco de Gilbert & George. Em *The Naked Shit Pictures*, seus corpos nus são exibidos de todos os ângulos junto com excrementos. Eles compraram um microscópio e descobriram novas formas nos fluidos corporais, como urina, suor e esperma. Descobriram que o excremento expressa nossa mortalidade em sua forma mais direta. É a matéria morta que deixamos para trás. A epidemia de AIDS transformou o corpo em um campo de batalha ideológico e uma onda de novo moralismo varreu o mundo ocidental. Gilbert & George descaradamente expõem seus corpos nus e olham para nós a partir das fotos. A nudez contrasta fortemente com os ternos que os artistas costumam usar. O comportamento formal deles confere às fotos nuas seu poder expressivo. Gustave Flaubert certa vez descreveu essa posição quando escreveu: "Você deve ser regular e natural em seus hábitos como um burguês, para que possa ser violento e original em seu trabalho".

À direita: Bum Holes, 1994.
Eight Shits, 1994 (Série The Naked Shit Pictures)
Fotos: Cortesy Gilbert & George.







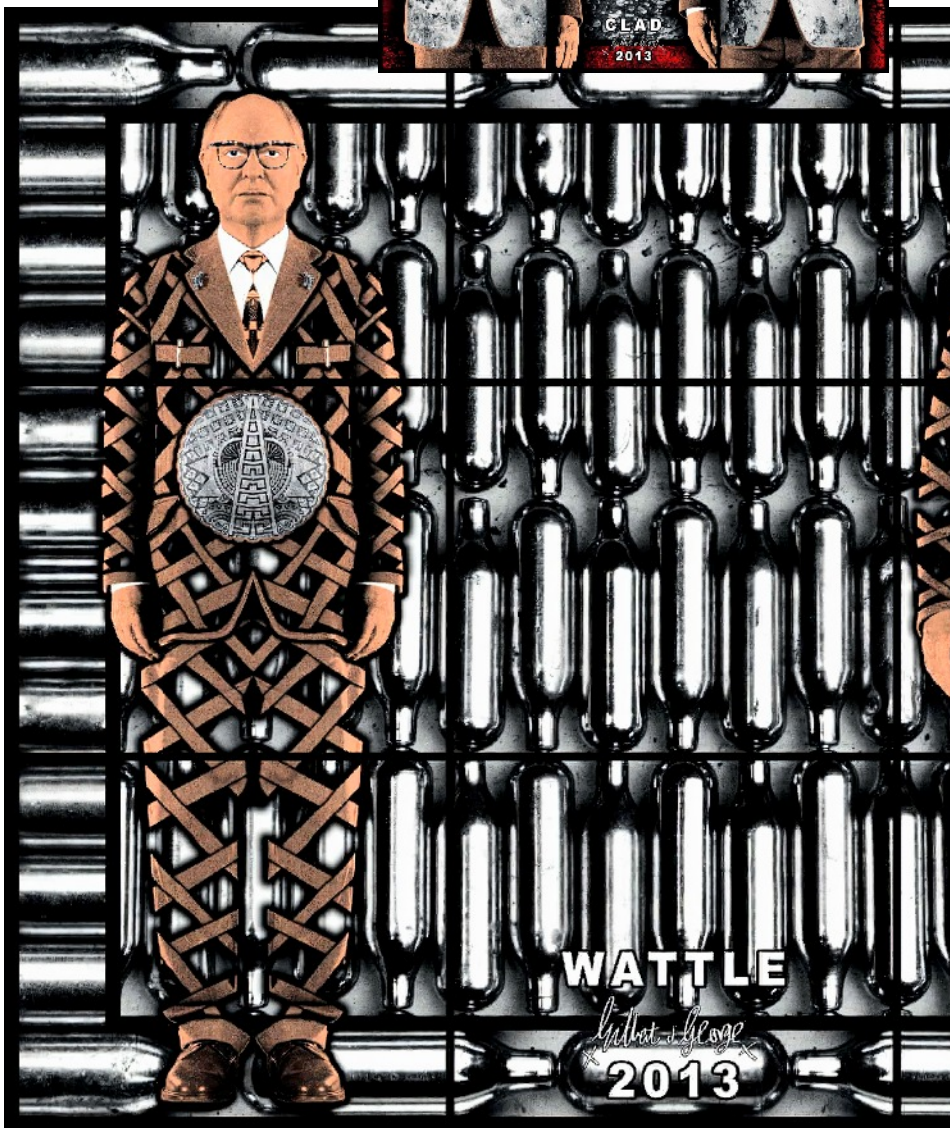
Beardary, 2016.
Courtesy of Gilbert & George.



DARY
iforgea

16

Scapegoating Pictures, 2013-2014. Courtesy Gilbert & George.



50 ANOS DE CONSTANTE MUDANÇA

Por mais de 50 anos, Gilbert & George testemunharam a vida em Londres e a retrataram em todas as suas formas, desde o trágico e desesperado ao cômico ou eufórico. Coletaram pôsteres e classificados, cartões de visita e folhas de outono: coisas que foram conectadas ou deixadas para trás pelas pessoas na cidade.

Milhares de manchetes de jornais e contas reunidas expressam as condições de vida. A dupla desafia tabus sociais e moralismo. Destacam os pontos cegos da sociedade e retratam o que preferimos ignorar. Tudo vem à tona na série *Scapegoating Pictures*, retratando vasilhas de óxido nitroso descartadas, bombardeios e discurso de ódio. Em *The Beard Pictures*, eles adornam barbas de todos os formatos e tamanhos. A barba passou a ser um símbolo tanto para os descolados quanto para os muçulmanos radicalizados.

Gilbert & George sempre atualizaram seus métodos criativos com a mais recente tecnologia. No início dos anos 2000, eles começaram a criar suas imagens digitalmente, dando-lhes um novo potencial.

"Por mais de meio século, eles estiveram entre os artistas mais visíveis do planeta. Isso não é surpreendente, já que os temas recorrentes em sua arte não poderiam ser mais fundamentais para nós, humanos: política, religião, sexualidade e beleza. Em última análise, a arte deles trata a própria vida humana".

Daniel Birnbaum e Hans Ulrich Obrist.



GILBERT & GEORGE •

THE GREAT EXHIBITION •

SCHIRN • FRANKFURT • 12/2 A 5/9/2021



Sem título, 1932.
Acervo Pinacoteca.



JOHN graz.

EXPOSIÇÃO NA PINACOTECA REVISITA A TRAJETÓRIA DO SUÍÇO JOHN GRAZ, UM DOS MAIS IMPORTANTES NOMES DO MODERNISMO NO BRASIL, COM FOCO EM SUA ATUAÇÃO COMO ARTISTA VISUAL E A DEDICAÇÃO DE SEUS TRABALHOS À TEMÁTICA INDÍGENA, A FAUNA, FLORA, HISTÓRIA E CULTURA POPULAR BRASILEIRAS

POR EDVALDO CARVALHO

Está é a resumida, porém notável, história de um artista estrangeiro que fez do Brasil o seu lar e sua inspiração, história esta que estará disponível para apreciação por meio de algumas de suas obras na Pinacoteca de São Paulo, a partir do dia 31 de julho. Fala-se aqui de John Graz, suíço que se fez digno de marcar seu nome nas páginas dos livros da história da arte nacional.

Em 12 de abril de 1891, nascia John Louis Graz, em Genebra, na Suíça. Artista gráfico, pintor, desenhista e escultor, Graz se mudou para o Brasil, em uma década muito significativa para a arte brasileira: os anos 1920, que foram marcados pela efervescência do modernismo nacional, embalado pelas revoluções pictóricas das vanguardas europeias, e pela célebre Semana de Arte Moderna de 1922, da qual ele veio a participar com sete obras, todos os quadros feitos por ele ainda na Europa. Tendo estudado arte desde muito jovem, já em 1911, Graz entrou para a Escola de Belas Artes de Genebra, cujo diretor era Daniel Baud-Bovy. Em 1915, ele iniciou sua produção de cartazes publicitários, os quais lhe renderam premiações em diversos concursos, destacando-se nessa época o cartaz de abertura do magazine suíço *Grand Passage*, que hoje faz parte do acervo do Museu de Arte de São Paulo.

Sem título, 1980. Acervo do Instituto John Graz.





20
1950



John Gray B.



Sem título, 1980.
Acervo Instituto John Graz

A seguir, o artista teve uma breve passagem pelos ateliês da vanguarda parisiense, por onde coletou aprendizado e começou a definir sua identidade artística, aperfeiçoando-se em publicidade e praticando litografia, técnica que ele dominou com excelência. Nesse período, ele se identificou com as obras de Cézanne e as estudou, além de entrar em contato com os movimentos cubista, fauvista e futurista. Depois dessa experiência, Graz retornou a Genebra, onde iniciou a produção de vitrais, pinturas e gravuras. Vale destacar, desse período, seu autêntico e complexo trabalho nos vitrais da Igreja des Eaux Vives, na capital Suíça, que demonstram o poder criativo e composicional do artista e já revelam a sagacidade dele em provocar uma profunda interação e simbiose entre suas obras e o ambiente onde se encontram (característica que ele viria a aperfeiçoar ao decorar ambientes aqui no Brasil). Com tanto empenho, John Graz recebeu por duas vezes a bolsa de estudos Lissignol, o que lhe proporcionou uma viagem à Espanha.



Sem título (Índios na rede), Sem data.



Paisagem de Espanha, 1920.
Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Em 1920, Graz expôs na Sociedade de Arquitetos, Pintores e Escultores de Lausanne. É nesse mesmo ano que ele vem para o Brasil e logo expõe algumas de suas produções no Salão do Cinema Central em São Paulo. Esse passo inicial viria a ser o começo de sua importante contribuição com a arte e o design no cenário nacional.

John Graz se casou com a brasileira Regina Gomide, irmã de Antônio Gomide, e se tornou aqui amigo de Oswald de Andrade, o qual adquiriu uma de suas telas e o convidou a compor o tão simbólico grupo modernista brasileiro, tendo Graz publicado alguns de seus trabalhos na lendária *Revista Klaxon*.

A Pinacoteca de São Paulo realizará uma exposição de obras de John Graz que enfatizam sua principal vertente: o lado decorativo. O evento contará com obras doadas pelo instituto John Graz à Pinacoteca, que serão o núcleo principal da exposição, contando ainda com outras obras, de coleções particulares. Essa homenagem e o reconhecimento da Pinacoteca são válidos, visto que John Graz é um dos maiores nomes do modernismo nacional, sendo frequentemente indicado como um dos introdutores do estilo Art Déco e precursor do design de interiores no Brasil. Tendo se baseado nos princípios da, então recente, escola de arte alemã Bauhaus, Graz adaptou suas produções à cultura e à identidade brasileiras. Pouco tempo depois da Semana de 22, ele iniciou alguns projetos no estilo, em São Paulo, na mesma época em que o Déco alcançava seu apogeu na Europa, sincronizando assim a arte nacional ao que estava em vigor no Velho Continente. O art déco, que abrange o design, a arquitetura, o desenho industrial, e, claro, as artes decorativas, era na época sinônimo de modernidade e elegância.







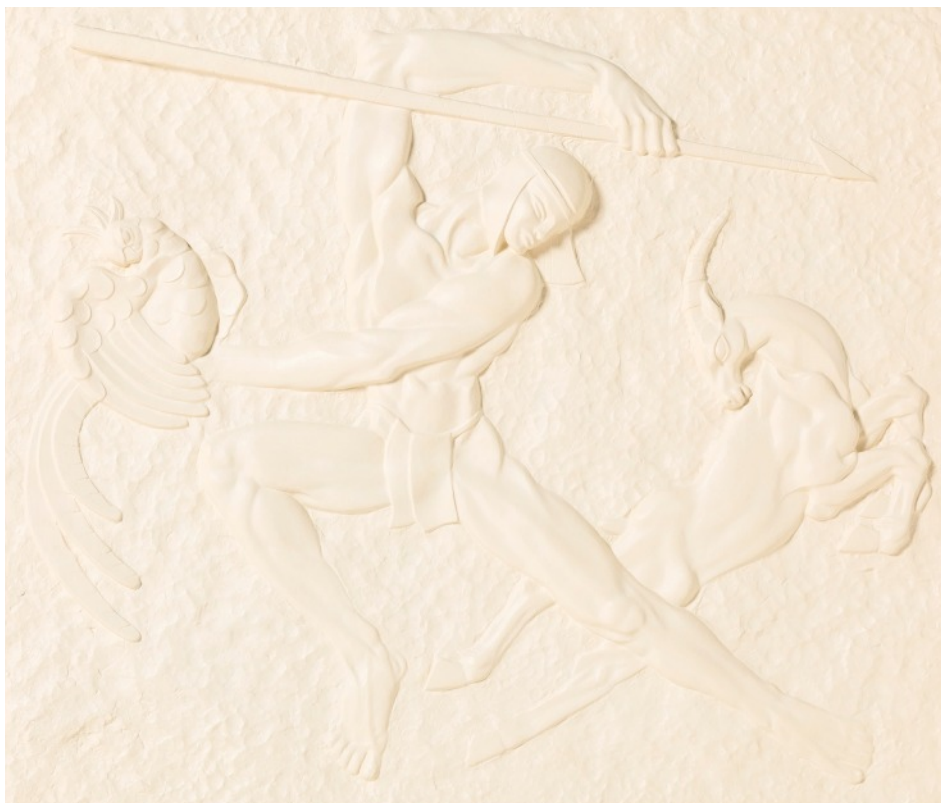
Cadeira, década de 1960
(reedição da década de 2010).
Acervo do Instituto John Graz.

Dentre as produções de Graz estão painéis, objetos para ambientes de trabalho ou familiares, criação e produção de mobiliário, tapetes, ferragens, afrescos e projetos de decoração cuja inspiração vem do povo, da fauna, da flora e história do Brasil. Dessa forma, o artista deu identidade e criou, por meio de seu intelecto artístico altamente criativo, uma vertente brasileira moderna e exclusiva do estilo déco. Sem exageros, seria natural afirmar que o Brasil despertou o auge do potencial criativo de Graz.

O arquiteto russo Gregori Warchavchik, que também havia chegado há pouco em São Paulo, tornou-se companheiro de John Graz nas produções artísticas. Warchavchik projetava e construía residências e Graz as decorava. Ele aplicava o mesmo conceito em móveis, painéis pintados, objetos e iluminação que iriam compor um ambiente. Dessa forma, a decoração do artista tinha uma interação estética e funcional com o local onde seria instalada, sendo que Graz usava seu conhecimento técnico e prático para criar móveis modernos que pareciam ter sido projetados exatamente para o lugar onde ficariam, criando também afrescos, luminárias e vitrais para casas de algumas personalidades paulistanas da época (aquelas que não tinham resistência à arquitetura e decoração modernas), como o casal Caio Prado Júnior e Antonieta Penteadado da Silva Prado e o industrial e político Roberto Simonsen.

“ *O Brasil despertou o auge do potencial criativo de Graz.*”

Sem título, década de 1920. Acervo da Pinacoteca de São Paulo.





Sem título,
1935.



John Opie 1933





A exposição se tornou viável graças à doação de mais de 40 obras do Instituto John Graz ao acervo da Pinacoteca, em 2020 e, junto com os trabalhos emprestados de outras coleções, o público poderá ter uma interessante experiência com a obra de Graz por meio de desenhos, guaches, telas e até uma tapeçaria que o artista fez junto com a esposa dele. Vale a pena conferir este evento que resgata e valoriza uma importante personalidade do modernismo nacional. A brilhante mente criativa de John Graz, somada à sua presença e absorção artística da cultura brasileira, juntamente com algumas de suas produções artísticas posteriores à vinda dele para o país estarão disponíveis na exposição para quem quiser e puder ver de perto o significativo trabalho desse artista. Para além de um dos nomes que compôs o grupo da Semana de 22, John Graz revelou capacidade de trazer a arte para mais perto da vida ao criar obras modernas que ajudaram a atualizar e a situar o Brasil definitivamente no eixo das artes.

A Ponte de Ronda, 1978.
Acervo Pinacoteca de São Paulo.



Edvaldo Carvalho é professor de arte na rede estadual de ensino do Estado do Amapá e MBA em História da Arte.

JOHN GRAZ: IDÍLIO TROPICAL E MODERNO •
PINACOTECA DE SÃO PAULO •
31/7/2021 A 31/1/2022

REFLEJO

REGINA



silveira.

Quimera, 2015.

RETROSPECTIVA NO MAC-USP REÚNE CENTENAS DE OBRAS DE REGINA SILVEIRA, UMA DAS MAIS IMPORTANTES ARTISTAS BRASILEIRAS DE SUA GERAÇÃO, RECONHECIDA INTERNACIONALMENTE POR SUA TRAJETÓRIA COMO ARTISTA, PESQUISADORA E PROFESSORA. EM ENTREVISTA EXCLUSIVA PARA A DASARTES, REGINA ESCOLHEU 5 OBRAS DE SUA CARREIRA PARA DESCREVER TODO O PROCESSO DE INSPIRAÇÃO E CRIAÇÃO

POR REGINA SILVEIRA



Alfinete, 2002.
Série Armarinhos.



“ Para provocar, propositalmente,
a percepção de um espaço em
profundidade”





ABYSSAL, 2010

“*Abyssal* é uma imagem de abismo em anamorfose vertical, construída originalmente para a Atlas Sztuki, um espaço expositivo situado em Lodz, Polônia, em 2009. Nesta instalação, efêmera e específica àquele interior arquitetônico, as sucessivas linhas de janelas em grande compressão de perspectiva estiveram desenhadas com vinil adesivo sobre o chão branco daquele lugar e serviram para provocar, propositalmente, a percepção de um espaço em profundidade, virtualmente logo abaixo do chão – como se ele tivesse se tornado transparente ou simplesmente tivesse afundado, vertiginosamente. Feito primariamente para proporcionar a experiência de distorções espaciais, *Abyssal* teve como motivo as janelas que circundam o edifício da Atlas Sztuki e lhe dão sua feição tão característica. Contudo, a concepção da obra também envolveu uma dimensão temporal, dado que nela se tratava de recuperar, quase arqueologicamente, a memória das janelas antiquadas do velho edifício, encontradas nas plantas e fotos do antigo mercado judeu que antes ocupara aquele prédio.”

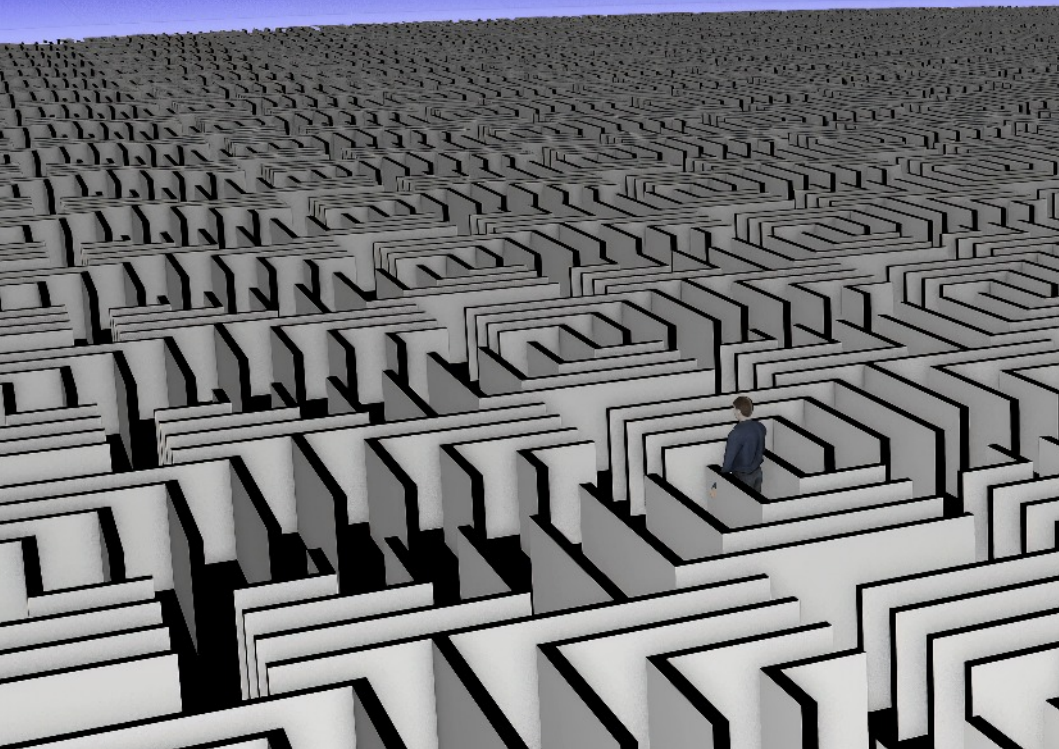


PARALER, 2014

"*Paraler* é uma obra de arte pública que realizei como calçada permanente localizada ao redor do edifício histórico da Biblioteca Municipal Mario de Andrade, estendida do portão central do prédio, na rua Xavier de Toledo, até a sua entrada lateral, na avenida São Luiz, uma das esquinas mais movimentadas do centro de São Paulo. Neste projeto, o motivo central é a palavra BIBLIOTECA, escrita inúmeras vezes em diferentes idiomas e alfabetos, com a

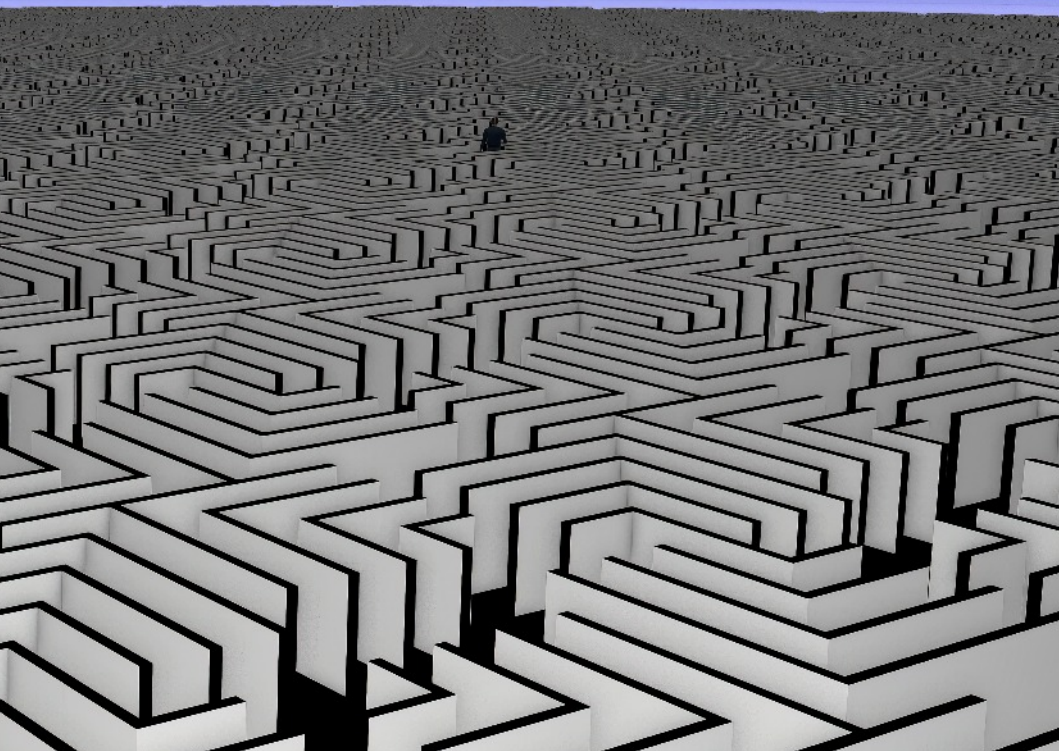


visualidade característica de um bordado de ponto de cruz, incluindo alinhavos e agulhas. Foi minha intenção que *Paraler* funcionasse como um logo multicultural específico ao seu lugar – uma biblioteca pública – onde as palavras bordadas em coreano, russo, árabe, chinês, italiano e alemão, entre outras, e depois alinhavadas umas às outras, pudessem compor uma espécie de tapeçaria ficcional e ao mesmo tempo trans-histórica, já que pontos de cruz estão conectados a práticas populares centenárias, compartilhadas por muitas culturas no mundo.”



"*Infinities* foi planejado e realizado especificamente para a cave do HLRS (Centro de Computação de Alta Performance de Stuttgart, na Alemanha), em resposta à provocante qualidade fantasmagórica que essa caverna de realidade virtual empresta às figuras incluídas nas apresentações técnicas que abrigam em seu pequeno espaço cúbico, cujas paredes simplesmente desaparecem quando o ilusionismo alcança seu grau mais potente...

Imaginei *Infinities* como a experiência de se sentir capturado dentro de um labirinto interminável, com paredes que alcançam a altura do peito e aparentemente se expandem até o horizonte, em todas as direções. Dentro desse ninho inextricável,



o usuário perceberia sua situação como a de estar imerso em um mar de águas rasas, sem terra à vista.

Contudo, a experiência proposta em *Infinities* não é estática: inclui variações e movimentos – todos virtuais, já que o movimento real do usuário dentro da cave é limitado pelas próprias paredes do espaço em que ele interage. Cinco diferentes configurações de labirintos vagarosamente emergem e submergem sequencialmente do chão, preto e virtualmente infinito, onde o usuário se coloca. Os movimentos de subida e descida dos labirintos são acompanhados pelas vibrações sonoras do instrumento musical conhecido como *theremin*, com sequências específicas para os muros que sobem, permanecem altos ou submergem no chão escuro.”



ODISSEIA, 2017

“*Odisseia* foi o ambiente imersivo em realidade virtual que realizei com tecnologia mais próxima aos *games* eletrônicos, dentro da parceria Itaú Cultural-HLRS, para participar da exposição Consciência Cibernética (?), utilizando recursos do supercomputador de Stuttgart. Mas, sem dúvida, desde a primeira visita ao HLRS e os primeiros *insights* para criar *Odisseia*, seu complexo planejamento e realização foram resultado de uma estreita colaboração técnico-criativa com o Itaú Cultural.

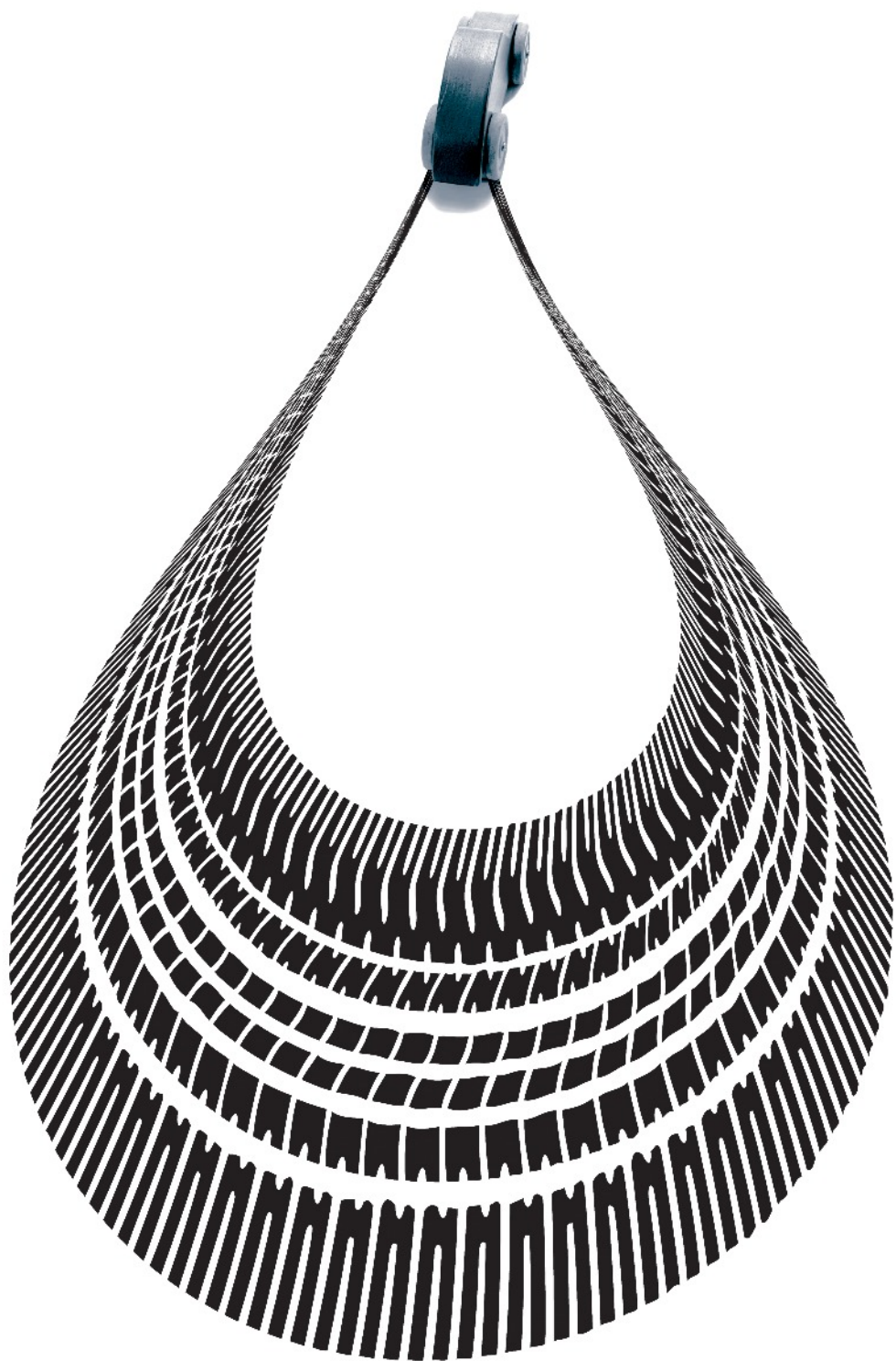
Com forte apelo interativo, a obra levou muitos meses sendo imaginada e foi minuciosamente composta por minha associação com diversos colaboradores, institucionais ou não, e seu display inclui a contribuição de suas competências e sensibilidades – uma circunstância comum aos modos de operar do artista em obras dessa natureza.



Frente à tarefa de imaginar *Odisseia*, meu primeiro passo foi fazer algumas prospecções sobre o hiper cubo, para considerar os deslocamentos possíveis de usuários dentro de um espaço pluridimensional, sem gravidade. Desde o início, imaginei corredores internos conectando as diversas faces do hiper cubo e, já nos primeiros *sketches* e modelos 3D, investigava as possibilidades de percorrer virtualmente os hiper cubos, por percursos labirínticos montados como sucessão de células de 3 x 3m que se pareciam a caminhos de formigas. Com eles, procurava montar narrativas visuais em que motivos gráficos invasivos – comuns em meu trabalho – seriam espécies de ameaças, pela sua acumulação, que se adensava insuportavelmente ao redor dos usuários, e poderia funcionar como razão para que os usuários do jogo se deslocassem dentro do hiper cubo, à procura da saída.”



Garfo e Gancho, 2002.
Série Armarinhos.





OCTOPUS WRAP, 2019

“Nesse seu papel de obra pública derivada de uma poética que propõe imagens gráficas para revestir arquiteturas diversas, com a intenção de desestabilizar sua percepção e significados, as derrapagens foram sempre efêmeras. Só ganharam permanência na versão *Wrap Expanded* (2009), instalada na entrada de um edifício da movimentada Maximilstrasse de Munich (em colaboração com os arquitetos Fabian Och e Florian Schmidhuber). Ali, as derrapagens reforçam permanentemente seu caráter de gráfica invasiva que simula vir de fora para dentro, como se carros fantasmáticos tivessem percorrido vidraças, paredes e o próprio teto do espaço interno, antes de escapar novamente para a rua.



Octopus Wrap (2019) envolveu o Pavilhão PACCAR do Olympic Sculpture Park em um elaborado padrão de marcas de pneus, decolando de cinco motocicletas de brinquedo posicionadas na parede mural interna. Essa instalação arquitetônica se inspira na localização do parque, no cruzamento de várias vias movimentadas. Ao se aproximar e entrar no prédio, você está observando o progresso por meio das marcas dos pneus que se cruzam. Quando vistos a distância, os rastros ondulantes criam outra imagem maior, que enlaça a arquitetura como se estivesse nos braços de um polvo.”

REGINA SILVEIRA: OUTROS PARADOXOS • MAC USP •
SÃO PAULO • 28/8/2021 A 3/7/2022

NOTAS do mercado.

POR LIEGE JUNG
@dasartesmercado



CHRISTIE'S anuncia obras de pesos-pesados do mercado, como Philip Guston, Jean-Michel Basquiat e Amoako Bofo, para liderar uma venda de Arte do Pós-guerra e Contemporânea, programada para ocorrer em Nova York em 10 de julho. *Ferramentas de Raoul* (1973), uma peça icônica do final da carreira do artista Philip Guston deve custar entre US\$ 1,5 milhão a US\$ 2 milhões.

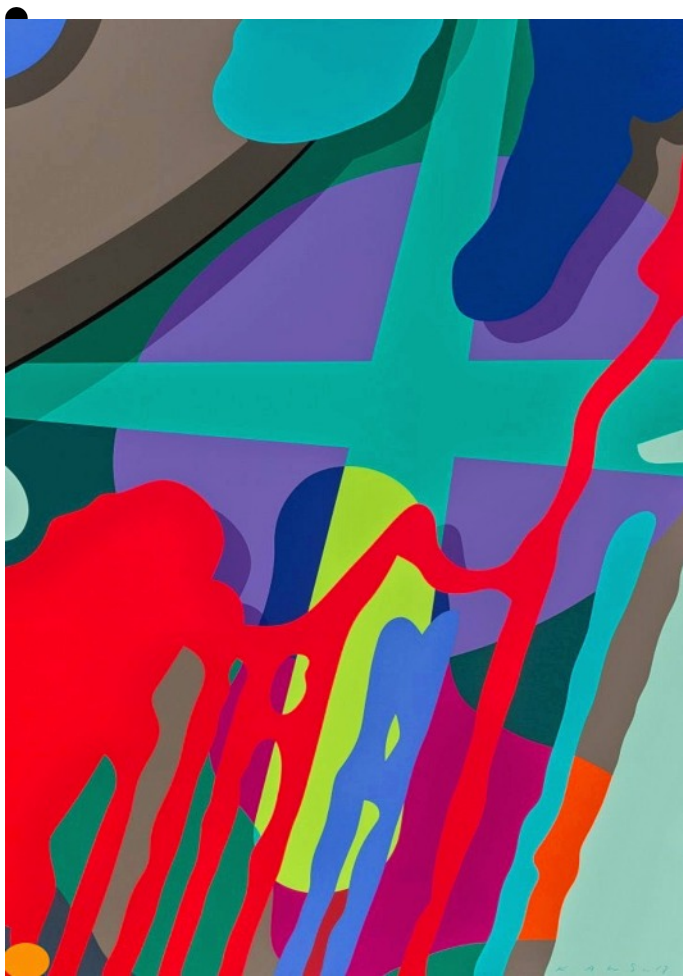


O leiloeiro ROBERTO DE MAGALHÃES GOUVÊA realiza em 25 de maio, o *Leilão de Arquitetura, Arte e Design*, que passa pela produção brasileira e internacional no século 20. As vendas, organizadas pelo editor e bibliófilo Manoel Lauand, oferece 65 lotes, entre revistas, livros, catálogos, objetos de decoração, mobiliário e obras de arte relacionadas à produção artística e arquitetônica de brasileiros e estrangeiros ao longo do século 20.



SOTHEBY'S levará preciosas obras de arte latino-americana para leilões, com trabalhos de Frida Kahlo e Fernando Botero e outros. O leilão acontecerá durante a semana de 29 de junho em Nova York. *O espírito de Vanguarda: Obras-primas Modernas e Surrealistas* compreende 35 lotes a serem oferecidos nas noites de vendas Contemporâneas e Impressionistas. No total, estima-se que essas obras faturem mais de US\$ 22 milhões.

KAWS é um artista multifacetado que abrange os mundos da arte e do design em seu prolífico corpo de trabalho, que varia de pinturas, murais e esculturas em larga escala a design de produtos e fabricação de brinquedos. A Artnet Auctions apresenta um conjunto completo de 10 impressões da série *Tension* de KAWS, lançado em 2019 junto da exposição individual do artista na Galeria Nacional de Victoria, em Melbourne, na Austrália. Os lances em uma, duas ou todas essas impressões vigorosas e coloridas podem ser feitas até 10 de junho e variam entre US\$ 6 a 8 mil.





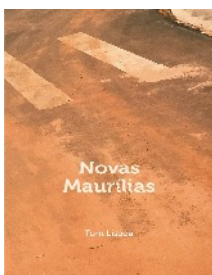
Carlos Vergara e Cacique de Ramos, Maurício Barros de Castro, escritor, professor e curador, traz ao leitor uma análise crítica do encontro entre Vergara e o Cacique, e reflete sobre as questões que levaram o artista a olhar para fora de seu ateliê e buscar a cultura popular. Nos anos 1970, Carlos Vergara voltou o seu olhar e sua câmera fotográfica para o carnaval de rua do Rio de Janeiro, mais precisamente, para o bloco Cacique de Ramos. As imagens que Vergara produziu com o Cacique constituem uma das séries mais importantes de sua carreira.

CARNAVAL-RITUAL: CARLOS VERGARA E CACIQUE DE RAMOS • Maurício Barros de Castro • Editora Cobogó
• R\$ 52,00 • 192 páginas



Idealizado e produzido durante a pandemia, no início de seu isolamento voluntário, em abril de 2020. A artista Gabriela Noujaim desenvolveu a série *Cov19 Latinamerica*, serigrafias com o mapa da América Latina sobre máscaras cirúrgicas. Os trabalhos foram enviados para profissionais da saúde e para mulheres de diversas regiões e áreas de atuação. A ação com esta obra se completava no ato de vestir a máscara nos apresentando estratégias de coletividades humanas e enfatizando um estado de atenção para as questões sociais e humanitárias.

LATINAMERICA • Gabriela Noujaim • Lançamento na ArtRio 2021



Foi do romance *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, que o fotógrafo Tom Lisboa tirou inspiração para seu novo livro. A relação com o livro de Calvino encontra-se no título. Maurília, na obra do escritor italiano, é uma cidade que oferecia aos seus visitantes, uma certa quantia de cartões-postais para que estes pudessem comparar a cidade atual com imagens que mostravam como ela havia sido.

NOVAS MAURÍLIAS • Tom Lisboa • R\$ 70,00 • 180 páginas • tom.lisboa@hotmail.com

Fotos: Sonia Balady



Fotos: Gabi Carrera





Lançada em 2008, a Dasartes é a primeira revista de artes visuais do Brasil desde os anos 1990. Em 2015, passou a ser digital, disponível mensalmente para tablets e celulares no site dasartes.com.br, o portal de artes visuais mais visitado do Brasil.

Para ficar por dentro do mundo da arte, siga a Dasartes.



facebook.com/dasartes



[@revistadasartes](https://instagram.com/revistadasartes)



[@revistadasartes](https://twitter.com/revistadasartes)



Assine grátis nossa newsletter semanal em www.dasartes.com.br e saiba das melhores exposições e notícias do circuito das artes.